

**O TRABALHO EM EQUIPE NO CONTEXTO DA
INTERPRETAÇÃO ENTRE LÍNGUA PORTUGUESA E LIBRAS:
UMA EXPERIÊNCIA NA ESFERA COMUNITÁRIA**

Luiza Pedrosa

São Carlos
2019

**O TRABALHO EM EQUIPE NO CONTEXTO DA INTERPRETAÇÃO ENTRE
LÍNGUA PORTUGUESA E LIBRAS: UMA EXPERIÊNCIA NA ESFERA
COMUNITÁRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS / Língua Portuguesa da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, para obtenção do título de Bacharela em Tradução e Interpretação em Libras / Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^a. Ma. Janaina Cabello

São Carlos
2019

Aos meus pais Ana Maria e Evaldo, que são meus maiores exemplos. E o grande resultado de toda dedicação é a oportunidade de estar concluindo mais uma etapa! Gratidão!

AGRADECIMENTOS

À minha querida orientadora Janaina Cabello, por aceitar desde o início minha idéia para a pesquisa, por ser inspiração, por se tornar amiga durante esse processo, por sempre me apoiar e me aconselhar, por puxar a orelha sempre que necessário e dar tudo de si pra tirar a idéia do papel e colocar em prática. Muito obrigada, por tudo!

Aos meus pais, Ana Maria e Evaldo, por sempre se dedicarem em todos os momentos a mim e a minha irmã. Desde que cresci e entendi todo esforço que fizeram para que chegássemos até aqui, agradeço por termos tido como exemplo as melhores pessoas desse mundo. Eu amo muito vocês!

À minha avó Maria Aparecida, aquela que é exemplo de luta, resistência. Que sempre enfrentou tudo e todos para conseguir criar suas filhas, sozinha e que quando nascemos, deu tudo de si como se fossem suas filhas. Você cuida de mim, me mima, me dá conselhos, se pudesse me protegeria de todo mal do mundo. E saiba que eu faço tudo isso e mais um pouco por gratidão a tudo que já fez por mim. Minha “véinha”, eu te amo!

Ao meu coração que bate fora do peito, meu braço direito, minha metade, minha “peroline”, minha irmã Carol! Você sabe como sou grata por ter você como parceira de vida. Agradeço por tudo que fez e faz por mim, por nunca desistir quando eu fazia algo que não estava certo, por perceber esses erros e lutar para que eu evoluísse e não os cometesse novamente, por ser o exemplo de ser humano que é, que não desiste do que quer e vai pulando todas as barreiras até conseguir. Saiba que serei sempre sua maior fã e estarei na primeira fila pra te assistir em todas as suas conquistas. Obrigada! Amo você!

Aos familiares que eu não citei acima, saibam que um pedacinho de vocês está representado nessa conquista. À vó Julieta e vô Aguinaldo, por nunca fazerem da distância um obstáculo, eu amo vocês. Às primas e primos, tias e tios, amo vocês.

À minha melhor amiga Luana Trez, que conheci na Universidade, me orgulha por ser a mulher incrível que é. São quatro anos de amizade que parecem uma vida inteira. Eu amo como você me completa, como somos felizes quando estamos juntas,

como você se dedica pra me ver bem mesmo que esteja longe. Amo estar junto com você e quando você tem que ir, leva um pedaço de mim junto com você. Esse sentimento se assemelha muito com uma música que gostamos muito que diz: “quando você se foi chorei, chorei, agora que voltou sorri, sorri”. Eu te amo muito e saiba que tem muito de você aqui neste trabalho. Obrigada por tudo!

Aos amigos queridos da Universidade. Em especial às amigas de sala: Bru, Shi, Joice e Paola, por sempre serem parceiras e estarem presentes em todos os momentos, sejam eles bons ou ruins. Aos amigos de sala 016, amigos da psico e de outros cursos, vocês fizeram parte desses anos todos e sou grata por tê-los conhecido. Amigas(os) de escola, vocês sempre estarão nessa vida comigo.

Agradeço à Bateria UFSCar, por estar presente na minha vida desde o início da graduação, por ter me proporcionado tantos momentos de aprendizado, por me ajudar a crescer com as dificuldades e aprender a lidar com as portas fechadas. Só quem faz parte dessa família sabe. E é como dizemos, com muito amor, até o fim!

Ao coletivo feminino Promotoras Legais Populares (PLPs), obrigada por se sensibilizarem e abrirem as portas à comunidade surda e por nos darem oportunidade de colocar em prática tudo que aprendemos na graduação e por também aprendermos cada vez mais com as experiências vividas em cada aula. Somos e seremos eternamente gratas pela oportunidade.

À Joyce Cristina Souza Almeida, intérprete da UFSCar, profissional que me inspira e me incentiva a ir cada vez mais longe. Obrigada por ser presente, por ser figura de exemplo de luta, resistência, em prol da comunidade surda. Tem muito de você na profissional que eu quero ser, obrigada por tudo.

Aos intérpretes e técnicos do curso TILSP que são parceiros em vários momentos da graduação, nos ajudam, incentivam. Em especial à intérprete Sarah e o técnico Rodrigo por toparem nos ajudar na produção do resumo em libras da pesquisa. Muito obrigada!

Aos Professores do curso TILSP, em especial à Profa. Dra. Mariana de Lima Isaac Leandro Campos e Profa. Ms. Raíssa Siqueira Tostes por aceitarem imediatamente comporem a banca de avaliação desta pesquisa. Muito obrigada!

RESUMO

Este trabalho apresenta e discute a atuação de uma equipe de tradutoras/intérpretes de Libras (TILS) em um curso oferecido à comunidade e que tem como objetivo levar informações à grupos de mulheres a partir de formação acerca de seus direitos. O curso é oferecido em uma cidade no interior do estado de São Paulo e é realizado semanalmente, envolvendo diferentes temas que estão interligados ao cotidiano da comunidade feminina (como, por exemplo, saúde da mulher, proteção contra violência doméstica e orientação jurídica). No momento em que o encontro se tornou acessível para mulheres surdas, entrou em questão o trabalho da equipe de TILS, que passou a atuar em um contexto que caracterizamos aqui de comunitário. Portanto, com esta pesquisa de cunho qualitativo, pretende-se apresentar a organização da equipe de TILS atuante nos encontros semanais desse curso, apresentando e problematizando a necessidade de organização prévia e posterior da equipe de interpretação considerado mais adequado para o trabalho a ser desenvolvido, investigando quais são as estratégias adotadas por essa equipe.

Palavras-chave: Interpretação Libras/Língua Portuguesa. Intérprete de Apoio. Trabalho em Equipe. Esfera Comunitária.

RESUMO EM LIBRAS¹

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=YEluQG9Z-U0&feature=youtu.be&fbclid=IwAR2ZQZlrID_O5kT18L0Jj9EFRd3V74mmq37YXfec9MhKyKxZyR_Fh8h-1Bw

¹ O resumo em Libras encontra-se também encartado ao final do trabalho (anexo 1).

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. A ATUAÇÃO DO INTÉRPRETE DE LIBRAS NA ESFERA COMUNITÁRIA: CONCEITUANDO OS AFAZERES E O ESPAÇO	17
3. PERCURSO METODOLÓGICO ADOTADO NA PESQUISA	20
3.1 Procedimentos de coleta dos dados	20
3.2 As Promotoras Legais Populares.....	21
3.3 As intérpretes de Libras participantes da pesquisa.....	22
3.4 Procedimentos de análises de dados	23
4. A ATUAÇÃO EM EQUIPE A PARTIR DOS RELATOS DAS INTÉRPRETES DE LIBRAS.....	24
4.1 - Categoria de análise 1: Aspectos Positivos do Trabalho em Equipe	24
4.2 - Categoria de análise 2: Dificuldades do Trabalho em Equipe	27
4.3 - Categoria de análise 3: Limites para o Trabalho em Equipe	29
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS:	33
Anexo 1 – Resumo do trabalho em Libras	36
Anexo 2 – Carta de apresentação da pesquisa para consentimento da entidade ...	37
Anexo 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (entrevistas)	39
Anexo 4 – Transcrição da Entrevista com a Participante A.....	41
Anexo 5 - Transcrição da Entrevista com a Participante B	44

1. INTRODUÇÃO

A partir de uma legislação que reconhece a língua brasileira de sinais (Libras) como língua oficial no país (destacamos leis nº 10.436 de 2002 e nº 12.319 de 2010, que reconhece a Libras como língua e que regulamenta a atuação do profissional tradutor e intérprete de Libras, respectivamente), observamos que o trabalho do tradutor e intérprete de Libras (TILS) também tem ocupado cada vez mais diferentes espaços, ampliando, por sua vez, a possibilidade de circulação das pessoas surdas em distintas esferas sociais (RIGO, 2015).

A complexidade dos processos de interpretação entre Libras e Língua Portuguesa tem recebido destaque a partir do momento em que “[...] os surdos têm assumido seu lugar enquanto cidadãos participando socialmente das decisões que englobam aspectos relacionados à inclusão social de pessoas surdas” (NASCIMENTO, 2012, p. 80). Nessa direção, embora o processo de interpretação envolvendo línguas orais e línguas sinalizadas (como o Português e a Libras) seja semelhante com o que ocorre em processos envolvendo línguas orais, como especificidade entre o processo de interpretação envolvendo Português e Libras temos o fato de que esta sempre envolve as línguas faladas/sinalizadas, ou seja, línguas nas modalidades orais-auditivas e espaço-visuais. Dessa forma, pode haver “a interpretação da língua de sinais para a língua falada e vice-versa, da língua falada para a língua de sinais” (QUADROS, 2004, p. 09).

Nesse contexto, de acordo com Machado (2012),

[...] interpretar é um processo complexo que exige habilidades lingüísticas e cognitivas, conhecimento de ordem cultural, técnico, etc. Além disso, o intérprete da Língua de Sinais precisa ser fluente em um determinado sistema lingüístico, já que precisa traduzir/reverter em tempo real (interpretação simultânea) ou com pequeno lapso de tempo (interpretação consecutiva) uma língua sinalizada para língua oral (ou vice-versa), ou então, para outra língua sinalizada (MACHADO, 2012, p. 46).

Portanto, a necessidade da interpretação entre as línguas dá-se pela diferença de modalidades em que elas se apresentam: enquanto a língua portuguesa se apresenta na modalidade oral-auditiva, as línguas de sinais contemplam a visualidade e a gestualidade. Segundo Silva e Nogueira (2014)

A língua de sinal LIBRAS é uma língua natural assim como qualquer outra. Portanto, a LIBRAS também não deixa de ser complexa. A LIBRAS se diferencia das línguas orais, pelo fato de utilizar o meio visual espacial,

enquanto que as línguas orais utilizam do meio oral auditivo, sendo assim, a Libras usa o espaço e as dimensões que ele oferece, formulando e desempenhando os aspectos 'fonológicos', morfológicos, sintáticos e semânticos, e estes são percebidos pelos seus usuários também através do espaço (p.1) .

Nessa direção, compreendemos o processo de interpretação entre a Libras e a Língua Portuguesa como um processo em que é necessário “[...] mobilizar um texto por meio de outro discurso” (SOBRAL, 2008, p. 70). Ainda a esse respeito, segundo Nascimento (2013),

Se os enunciados concretos nascem, vivem e morrem no processo de interação social dos participantes da enunciação, e sua forma e significado são determinados basicamente pela forma e caráter desta interação (BAKHTIN/ VOLOCHINOV, 1997), a tradução e interpretação deve ser estudada, analisada e avaliada a partir das situações reais de produção e interação considerando os sujeitos envolvidos nessa interação, os discursos a serem mobilizados, tanto em língua fonte como em língua alvo, e a concretude da realização (p. 221).

Por isso, para dar início ao trabalho, explicitamos o processo de interpretação Libras/Português, evidenciando que se trata de um movimento em que “[...] o profissional TILS atua como mediador da comunicação, se inteirando da comunicação para efetuar seu trabalho. Os TILS recebem a informação do emissor, fazem o processamento das mensagens e as opções estruturais, semânticas, entre outras, para repassar ao receptor, de modo a se aproximar o máximo possível da informação dada pelo emissor (BRASIL, 2004).

Por se tratar de um trabalho que se realiza de forma imediata e presencial, o TILS na interpretação acaba não tendo muito tempo para refletir e tomar decisões, sua atitude precisa ser imediata, pois está em jogo o sentido concreto do enunciado (o que não acontece no momento da tradução, uma vez que o trabalho do tradutor não é imediato, sendo que é previsto um momento para que o profissional faça o estudo do conteúdo a ser traduzido, além de ter a possibilidade de refazer o trabalho quantas vezes considere necessário, não precisando realizar o trabalho de forma imediata e presencial com seu público).

Ao contrário, no momento da interpretação, há o contato direto e imediato do profissional e o público com o qual atua, fazendo com que “o resultado de seu trabalho vá sendo conhecido à medida que desaparece, visto não possuir registro automático.

Essas condições de produção impõem ao profissional o ritmo do autor do discurso e uma dependência contextual mais explícita e direta que na tradução, já que ele precisa estabelecer contato com sua audiência” (RODRIGUES; SANTOS, 2017, p. 3). Além disso, como apontado por Nogueira (2019), na interpretação, “muitas vezes, é preciso lidar com problemas de interpretação que surgem na hora, como por exemplo, uma piada que precisa ser interpretada e que, para que faça sentido, precisa ser adaptada ao público e à cultura-alvo” (NOGUEIRA, 2019, p. 199).

Devido a essas características, o trabalho do TILS durante a interpretação, segundo Lacerda (2012), exige que “sua concentração precisa ser total e por essa razão é que em geral, o trabalho do intérprete não deve de estender para além de 20 ou 30 minutos ininterruptos” (p. 259). Ainda nesse sentido, de acordo com Souza (2017),

Os intervalos são fundamentais para que descanse e possa voltar a se concentrar novamente. Na verdade, não há um relaxamento ou descanso no sentido do profissional se isentar de qualquer colaboração que seu parceiro necessite ou se ausentar do local de trabalho, ele continuará apoiando o intérprete de turno, porém, de forma discreta e com mais leveza, já que a responsabilidade total da interpretação agora é do colega (p. 4).

Nos cursos de formação em nível superior, questões que dizem respeito à atuação durante a interpretação (para além da fluência em ambas as línguas) têm sido abordadas, como por exemplo, os estudos prévios que precisam ser realizados antes da atuação. Nesse momento anterior à atuação, o intérprete procura obter um breve conhecimento do que se tratará no contexto em que ia interpretar, para que possa buscar por termos que desconhece ou tem dúvidas, estabelecer diálogos com colegas de profissão que possam contribuir com sua atuação (já que é possível que os mesmos já tenham tido contato com o tema e essa troca poderá ajudá-lo na atuação), etc. Para isso, não só olhamos para os estudos, para os materiais que estão sendo utilizados na interpretação, observamos também qual o caminho utilizado pelos profissionais para realizar o trabalho.

Assim, conforme Nogueira (2019),

Falando um pouco mais sobre essa fase de preparação, entendemos que é nesse momento que ocorre a busca por materiais para estudo, relacionados ao contexto interpretativo. Os intérpretes podem recorrer a diferentes materiais e dispositivos de consulta na busca por informações, ou até mesmo contar com o auxílio de outros colegas. Trata-se de uma fase de pré-

interpretação em que os profissionais envolvidos mobilizam recursos a serem utilizados durante o processo interpretativo (NOGUEIRA, 2019, p.197).

Além dos estudos prévios à atuação, cada vez mais se têm percebido a importância do trabalho de intérpretes de Libras serem realizados minimamente por uma dupla de profissionais, já que “as interpretações são realizadas em períodos longos e demasiadamente desgastantes para os intérpretes (física e mentalmente), uma vez que o processo de interpretação envolve duas línguas de estruturas linguísticas distintas” (AGILS, 2017, s/p.).

Ainda nessa direção, a Associação Gaúcha de Intérpretes de Línguas de Sinais (AGILS) também reafirma a necessidade do trabalho em dupla, na medida em que “Alguns estudos mostram, assim como relatos de profissionais acometidos por lesões, que atuando por longos períodos e expostos a muita sobrecarga de interpretação, desenvolvem lesões por esforço repetitivo, inflamações nos ombros, problemas de coluna, entre outras moléstias” (AGILS, 2017, s/p.)

Desse modo, segundo a AGILS, embora ainda não seja regulamentado, mas de interesse das instituições em respeitar os limites psicofisiológicos que envolvem o intérprete no processo tradutório e em respeito às pessoas surdas ao seu direito de acesso às informações na sua língua, garantindo assim a valorização dos profissionais e um processo de inclusão social de fato, a AGILS desde já recomenda e apoia que o trabalho em dupla seja respeitado para que, em breve, venha se tornar um direito garantido em lei a todos os TILS e surdos desse país. De acordo com documento publicado pela Associação Gaúcha de Intérpretes de Libras (AGILS), “Alguns espaços públicos e privados já reconhecem e respeitam a necessidade do trabalho de TILSP em dupla, remunerando esses profissionais conforme tabela de honorários, seguida na região” (2017, s/p).

Porém, o trabalho em equipe ainda parece não ser uma realidade em todas as esferas de atuação do TILSP. Segundo Nogueira (2018),

[...] percebemos que a interpretação em equipe é um tema com pouca atenção e estudo na literatura nacional. Com efeito, observa-se também que o trabalho em equipe é muitas vezes negligenciado na formação de intérpretes de Libras-Português, pois frequentemente identificamos intérpretes formados e com anos de experiência, mas com grandes dificuldades em trabalhar em uma equipe (p. 122-123).

Portanto, mesmo sendo alertados sobre a relevância desse trabalho em equipe, percebemos que na maioria das vezes trabalhamos em diversos contextos sozinhos (o que é muito desgastante e prejudicial para a saúde do profissional intérprete). Segundo Souza (2017)

Alguns TILS relataram que atuam sozinhos por quatro horas consecutivas em cursos de graduação em algumas Universidades e Institutos. Levantou-se outra pergunta: * Vocês sentem que o trabalho de vocês é de qualidade por todo esse período? E a resposta foi o que já era esperado: Não. Um participante relatou que, após 40 minutos, sente que perde a concentração e que seu trabalho perde a qualidade. Relatou que o cansaço físico e mental é inevitável e que o aluno (surdo) é prejudicado por faltar informações ao fazer a interpretação (p. 5).

Dessa maneira, com o passar o tempo, quando colocamos em prática o que absorvemos durante a graduação, entendemos que a falta do revezamento traz para a atuação conseqüências que prejudiciais não apenas para o profissional intérprete, mas também para o público alvo, ou seja, para as pessoas surdas. Para evitar o comprometimento da qualidade do trabalho, portanto, Nogueira (2016) afirma que é fundamental

a presença de uma equipe conta com no mínimo duas pessoas, que atuam em conjunto, a fim de que exista o revezamento na produção da interpretação, pois sabemos que a interpretação quando realizada por longos períodos, torna-se física e mentalmente exaustiva. Além de contribuir para evitar o cansaço físico, existe a possibilidade de ter o auxílio desse colega, qualificando o processo interpretativo, apoiando a produção do discurso.” (p. 85/86).

Portanto, por considerarmos fundamental o trabalho em equipe no contexto da interpretação, nosso objetivo de pesquisa foi o de investigar como é estabelecido o preparo da equipe de intérpretes de Libras a partir da presença de um grupo de intérpretes de Libras em formação, orientadas por uma intérprete de Libras profissional, no Curso das Promotoras Legais Populares (PLPs) do Município de São Carlos – SP. No ano de 2018 o curso manifestou o interesse de tornar o conteúdo ministrado acessível também para mulheres surdas, a partir de uma intervenção pontual realizada no ano anterior com intérpretes de Libras².

² No ano de 2017 foi realizada a tradução para a Libras do material de comemoração dos cinco anos de atividades das PLPs, que pode ser consultado em

O curso é voltado para as mulheres e aborda em suas aulas diversos assuntos em que são tratados temas que envolvem diretamente a figura da mulher, como por exemplo, Feminismo Negro, Violência de Gênero, Violência Doméstica e Familiar, Saúde das Mulheres, Direito Cível e Direito da Família, dentre outros.

O trabalho pretende também destacar a relevância que essa ação em equipe pode gerar no resultado final da atuação. No decorrer do trabalho, serão analisados todos os pontos que estão ligados à atuação em equipe dos intérpretes, de acordo com Hoza (2010), que os divide em basicamente três momentos distintos: pré-conferência (quando são estabelecidas conversas prévias entre os membros da equipe, com o objetivo de se pactuar questões sobre o trabalho, sobre a experiência de cada um, explicitando conhecimentos linguísticos e culturais bem como observando o contexto em que a atuação ocorrerá, estudando e se preparando para o trabalho), durante a conferência (quando acontece a interpretação em si e os intérpretes mobilizam competências que contribuam para a sua atuação durante a interpretação), e pós-conferência (momento em que aconteceria a avaliação do trabalho pelos membros da equipe, verificando o que funcionou ou não durante a atuação, observando pontos que podem ser aperfeiçoados para melhores performances na interpretação dos próximos desafios em equipe).

De acordo com Nogueira e Gesser (2018), durante a interpretação, quando o trabalho é realizado em equipe, é preciso que haja uma interação entre eles, que precisam estar “atentos e prontos a colaborar com a interpretação, fazendo o uso de sua concentração máxima para atuarem em sintonia uns com os outros” (p. 123).

Embora as ponderações de Hoza (2010) versem sobre o trabalho em equipe no contexto de conferência, definida como “àquela interpretação realizada em contextos internacionais, tanto em eventos e grandes encontros quanto na mídia (rádio e TV) (GILE, 1998; DIRIKER, 2008, apud RODRIGUES, 2010, p.5), acreditamos que os procedimentos possam ser aplicados também na atuação do intérprete de Libras na esfera comunitária (que detalharemos a seguir neste trabalho). Isso porque na atuação em ambos os contextos, a interpretação lidará com a simultaneidade da ação entre o discurso e a interpretação, o imprevisto e, em certa medida, também com o imprevisto.

Assim, nessa pesquisa, analisaremos através de entrevistas com integrantes de uma equipe de intérpretes de Libras atuante no contexto comunitário, os procedimentos

adotados no que se refere à: 1) pesquisa de vocabulários e termos específicos; 2) pesquisas de materiais teóricos relacionados ao tema; 3) busca de vídeos que abordem o assunto; 4) breves conversas entre a equipe onde uma consegue compartilhar com a outra o resultado das pesquisas que foram realizadas; 5) momento da interpretação em si; 6) conversa posterior ao trabalho.

A partir disso, pretendemos evidenciar a importância desse planejamento, ressaltando também a importância de existir literaturas que especifiquem a atuação em equipe nas interpretações, já que atualmente existem poucas literaturas a respeito (NOGUEIRA; GESSER, 2018).

No capítulo seguinte, apresentaremos os conceitos relacionados à esfera comunitária e à atuação do intérprete de Libras nesse contexto, bem como detalharemos o local em que a pesquisa foi realizada.

2. A ATUAÇÃO DO INTÉRPRETE DE LIBRAS NA ESFERA COMUNITÁRIA: CONCEITUANDO OS FAZERES E O ESPAÇO

Quando nos referimos ao trabalho do intérprete de Libras, precisamos compreender que ele pode acontecer em diferentes espaços sociais. Esses espaços comumente são tratados na literatura como esferas de atuação, sendo as mais estudadas a esfera educacional, a esfera da saúde, a esfera jurídica, a esfera de conferência e a esfera comunitária.

A interpretação na esfera comunitária é aquela que “ocorre na esfera pública, com o intuito de facilitar a comunicação dos não falantes da língua oficial do país, e o seu conseqüente acesso aos provedores de serviços, tais como a educação, a saúde e os contextos legais” (RODRIGUES, 2010, p.5).

Historicamente, a esfera comunitária foi um dos primeiros campos de atuação do intérprete de língua de sinais, antes mesmo do TILS ser reconhecido profissionalmente. Isso porque, antes mesmo de ser reconhecida como profissão, a prática da interpretação para a Libras já acontecia de maneira informal, realizada geralmente por um familiar ou amigo próxima da pessoa surda, que solicitava a presença de um acompanhante em diversas situações, como consultas médicas. Nessa direção, anteriormente, “mesmo sem legalização, o intérprete faz[ia] parte do cotidiano das pessoas surdas, em conferências, centros universitários, concursos, consultas médicas, escolas, competições esportivas, sessões jurídicas, movimentos sociais etc., permitindo aos surdos uma participação efetiva em todas as atividades da sociedade” (ROSA, 2003, p. 239).

A atuação de pessoas que se punham como intérpretes entre a língua portuguesa e a Libras também esteve relacionada fortemente ao campo religioso no Brasil, conforme afirma Assis Silva (2012).

De acordo com Rodrigues (2010), o intérprete comunitário também é chamado de mediador intercultural, intérprete de serviço público ou de intérprete cultural. A respeito das nomenclaturas encontradas, Queiroz (2014) afirma que a nomenclatura no Brasil ainda precisa ser melhor detalhada, por abarcar inúmeras possibilidades de atuação no nível intrassocial (PÖCHHACKER, 2004), como a social, a cultural, a de contato e a de serviço público.

Sobre a atividade de interpretação em esferas comunitárias, Queiroz (2014) salienta que essa é uma demanda real e ocorre diariamente nos mais diferentes contextos do Brasil. A autora ainda afirma que no país, a atividade da interpretação em esferas como as educacionais e contextos jurídicos têm certa expressividade: enquanto nos contextos educacionais a demanda por intérpretes de língua de sinais brasileira aumentou sobremaneira após o ano de 2002, influenciada pela sanção da Lei Federal nº. 10.436, e decreto 5626/2005 (como citado), em contextos jurídicos, barreiras linguísticas são mediadas pela atividade realizada por tradutores públicos e intérpretes comerciais ou por intérpretes forenses cadastrados no poder judiciário.

Ainda que com menos expressividade, os âmbitos médico-hospitalares são contextos nos quais há necessidade literalmente vital de serviços de interpretação. Muitas instituições no Brasil vêm recebendo um número significativo de pacientes não falantes da língua portuguesa. Esses pacientes têm se submetido a tratamentos no país de maneira improvisada, do ponto de vista do acesso à comunicação, desprezando-se a complexidade de interações médicas (QUEIROZ, 2014).

Tanto Rodrigues (2010) quanto Queiroz (2014) concordam que o termo interpretação comunitária pode ser definido como uma “interpretação que permite que pessoas não fluentes na(s) língua(s) oficial(is) de um país possam se comunicar com provedores de serviços públicos de forma a facilitar acesso igual e integral a serviços legais, médicos, educacionais, governamentais e serviços sociais” (QUEIROZ, 2014, p. 199).

Partindo dessa definição, portanto, caracterizamos a atuação das intérpretes aqui observadas e descritas como fazendo parte da esfera comunitária, uma vez que pretendeu mediar ações de um curso livre, dirigido à formação no que diz respeito aos direitos e à cidadania de grupos de mulheres do município de São Carlos.

Assim, o trabalho foi desenvolvido no coletivo das “Promotoras Legais Populares”, que é definido como “um movimento social feminista, sem fins lucrativos, de caráter filantrópico, que tem como objetivos promover ações para a igualdade de direitos entre homens e mulheres, bem como prover orientações sobre questões do cotidiano (violações de direitos, ameaças, violência contra a mulher, etc) para pessoas que se encontram necessitadas de reconhecimento e apoio para o enfrentamento de

dificuldades³”. Como as discussões do coletivo versam sobre a condição das mulheres na sociedade atual, suas dificuldades, medos, necessidade de informações a respeito de direitos e apoio em casos de violência, agressão e vulnerabilidade, o grupo de intérpretes de Libras constitui-se apenas por mulheres, por acreditarmos que dessa forma é possível fazer a interpretação para a Libras garantindo às mulheres surdas acesso e acolhimento (ao serem atendidas por profissionais também do gênero feminino).

É importante destacar que o trabalho em grupo de mulheres permite

uma reflexão sobre os temas levantados pelas participantes, relacionando-os ao contexto de vida das integrantes e a circulação da palavra entre as mulheres. Como espaço dialógico, permite que as participantes possam ouvir a si mesmas, escutar as outras e realizar trocas entre si, favorecendo a promoção da ‘saúde coletiva’ na medida em que favorece a potencialização da autonomia das participantes e a troca de modos de ser e estar no mundo (SILVA; TIRADENTES; NASCIMENTO, 2009, p. 1).

Desse modo, a relação entre as mediadoras do coletivo “Promotoras Legais Populares” e a equipe de intérpretes foi também de formação, uma vez que existiram troca e discussão a respeito dos temas que foram apresentados em cada encontro.

As informações que circularam nos encontros promovidos pelas Promotoras Legais Populares foram garantidas já pelas mediadoras do grupo, sendo que o foco do trabalho não foi nos relatos em si, mas nas estratégias adotadas pelo grupo de intérpretes no momento da interpretação para a Libras e de como esse discurso pode ter sido construído na língua de sinais de forma a garantir a (in)formação também para as mulheres surdas, sendo que, portanto, o objetivo aqui não foi trazer relatos das participantes do encontro porém, apresentar e discutir, de acordo com os depoimentos de duas intérpretes de Libras atuantes no curso das PLPs, as estratégias adotadas para a atuação em equipe dos encontros, como detalharemos no capítulo metodológico a seguir.

³ Para mais informações, acessar o site oficial do coletivo. Disponível em: <http://www.plpssaocarlos.org/>. Acesso em 17 de novembro de 2018.

3. PERCURSO METODOLÓGICO ADOTADO NA PESQUISA

3.1 Procedimentos de coleta dos dados

Para o desenvolvimento da pesquisa, escolhemos trabalhar com o estudo de caso, que “consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico” (MERRIAN, 1988, *apud*, BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 89). No caso deste trabalho, o foco será a observação e posterior apresentação e discussão da atuação e do trabalho em equipe realizado por duas intérpretes de Libras em formação (curso TILSP) em atuação comunitária. Os dados apresentados e discutidos foram produzidos a partir de entrevistas semi-estruturadas, que são “conversas intencionais, geralmente entre duas pessoas, embora por vezes possa envolver mais pessoas, dirigida por uma das pessoas, com objetivo de obter informações sobre a outra” (MORGAN, 1988, *apud* BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 134). As entrevistas foram realizadas por meio de perguntas estruturadas e encaminhadas às participantes via *e-mail*.

A intenção foi, a partir das entrevistas realizadas com essas intérpretes, identificar e descrever quais foram as estratégias adotadas pelo grupo para o momento da interpretação, realizadas anteriormente ao encontro (preparação prévia) - por exemplo, estudo dos conteúdos que seriam abordados ao longo do encontro para contextualização e aperfeiçoamento dos assuntos que seriam abordados, busca de conteúdos escritos (através de textos, artigos, etc.) ou de vídeo para melhor entendimento do tema, levantamento de vocabulário específico, estabelecimento de sinais específicos para o momento da atuação em caso de sinais ainda não convencionados na Libras – e posteriormente ao encontro (avaliação do grupo quanto à atuação, levantamento de dificuldades, importância do trabalho do intérprete de apoio, etc.).

Para esse trabalho especificamente, foram entrevistadas duas participantes da equipe⁴, embora a mesma contasse (à época do início da pesquisa) com quatro intérpretes do gênero feminino, graduandas da UFSCar que eram supervisionadas e auxiliadas por uma intérprete profissional. O trabalho era realizado semanalmente, contando com o momento de estudo individual e conjunto do grupo, com a atuação em si e também com o *feedback* realizado após a atuação já ter sido realizada.

⁴ A transcrição das entrevistas, em português, encontra-se nos anexos do trabalho.

O curso interpretado era realizado semanalmente, sendo que em cada aula eram abordados temas distintos, mas que se intercruzavam (como violência de gênero e direitos das mulheres, por exemplo), podendo conter relatos pessoais apresentados pelas alunas que participavam naquele momento.

Detalharemos nos itens seguintes o local em que ocorreram as atuações da equipe de intérpretes e as participantes da pesquisa.

3.2 As Promotoras Legais Populares⁵

As Promotoras Legais Populares (PLPs) são definidas, de acordo com as informações disponibilizadas no *site*, como um coletivo de mulheres que tem como objetivo principal “[...] estimular e criar condições para que as mulheres conheçam direitos, leis e mecanismos jurídicos, tornando-as capazes de tomar iniciativas e decisões no sentido do acesso à justiça e à defesa dos direitos humanos.” O coletivo é focado no público feminino que é composto por mulheres com idades entre 18 e 60 pertencentes a classes sociais distintas, graus de escolaridade também distintos, mas que naquele ambiente partilham do mesmo interesse: informação, consciência de direitos, bem estar da mulher, etc.

No município de São Carlos o coletivo já existe desde 2010, a princípio por iniciativa da Prefeitura da cidade, porém, com o decorrer dos anos o grupo passou a se tornar autônomo e atualmente não conta com nenhuma verba vinda do Governo Municipal. A partir de 2010 começou a ser oferecido anualmente a comunidade feminina o curso para ser uma Promotora Legal Popular. É importante ressaltar que o curso é gratuito, para que seja acessível para todas as mulheres. O curso é realizado no Sindicato dos Metalúrgicos de São Carlos, que gentilmente oferece o espaço para que o mesmo possa acontecer. O curso acontece semanalmente (1 dia na semana), dos meses de Abril a Novembro.

Os profissionais solicitados para ministrar as aulas do curso variam conforme a necessidade do coletivo, podendo ter a presença desde advogados, juízes até psicólogas, professoras ou até mulheres que já são formadas pelo curso e participam ativamente do coletivo. “[...] A ementa do curso é construída a partir do currículo nacional de

⁵ A autorização para que a entidade fosse citada e a pesquisa versasse sobre o trabalho lá realizado encontra-se nos anexos da pesquisa, ao final deste trabalho (anexo 1). Tanto a carta de autorização quanto os termos de consentimento livres esclarecidos apresentados às intérpretes de Libras participantes (anexos 2 e 3) foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP – UFSCar), parecer número 3.123.508.

Promotoras Legais Populares, e organizada em blocos a partir dos seguintes temas: Mulheres; Violência contra as Mulheres; O Estado e o Poder; Mulheres em sua Diversidade; Direitos; e Saúde da Mulher [...]”

No final do ano de 2017 após o contato inicial do coletivo com algumas alunas do curso TILSP, surgiu a proposta de transformar o curso para Promotora Legal Popular acessível para a comunidade surda. Por isso, no ano de 2018 o coletivo em parceria com o curso TILSP começou a oferecer o curso acessível para esse público, contando com a presença de um grupo de intérpretes, também composto apenas por mulheres, atuando em todas as aulas.

A trajetória do coletivo das PLPs é muito importante, pois, marca a luta diária que as mulheres enfrentam para conquistar seus direitos e principalmente a igualdade. Já são 9 anos de história, proporcionando novas oportunidades às mulheres e distribuindo conhecimento àquelas que buscam informação. Encontro na união do coletivo uma grande semelhança ao foco deste trabalho, pois, dentro do contexto comunitário, sabendo que envolve tantos assuntos diferentes, a presença de uma equipe faz com que o trabalho aconteça com uma dinâmica melhor.

3.3 As intérpretes de Libras participantes da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida a partir da colaboração e participação de duas intérpretes de Libras em formação, que compunham a equipe de intérpretes que atuavam ao longo dos encontros das PLPs, sob supervisão de uma intérprete profissional⁶. As participantes são melhor caracterizadas a seguir:

Participante A: Bianca⁷, 33 anos, está há quatro anos em contato com a Libras, sendo que adquiriu/aprendeu essa língua através do curso de graduação em tradução e interpretação Libras/Língua Portuguesa. Suas experiências de interpretação e trabalho em equipe são apenas aquelas de atividades ligadas ao curso.

Participante B: Joana, 23 anos, está há 4 anos em contato com a Libras, sendo que adquiriu/aprendeu essa língua através do curso de graduação em tradução e

⁶ Agradeço às orientações e acompanhamento do trabalho que foi realizado durante os encontros pela intérprete de Libras responsável Joyce Cristina de Souza.

⁷ Os nomes das intérpretes de Libras que concederam as entrevistas são fictícios.

interpretação Libras/Língua Portuguesa. Suas experiências de interpretação e trabalho em equipe são apenas aquelas de atividades ligadas ao curso.

3.4 Procedimentos de análises de dados

Os dados obtidos através das entrevistas (e sua posterior transcrição) foram obtidos pela pesquisadora em um [...] “processo de busca e de organização sistemático de transcrições de entrevistas [...] com o objetivo de aumentar a compreensão desses mesmos materiais e de permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 205).

Assim, as entrevistas foram lidas tentando estabelecer relações entre as respostas das participantes e de nossa pergunta de pesquisa, ou ainda, em outras palavras, buscando “a explicação do processo de constituição do objeto estudado, ou seja, estudá-lo em seu processo histórico” (AGUIAR; OZELLA, 2013, p. 301), como apresentado no capítulo seguinte.

4. A ATUAÇÃO EM EQUIPE A PARTIR DOS RELATOS DAS INTÉRPRETES DE LIBRAS

Neste capítulo mostramos as análises que obtivemos de acordo com as entrevistas realizadas com as participantes da pesquisa. Para isso, procuramos encontrar nas respostas relações com o tema que este trabalho apresenta, estabelecendo também ligações com as teorias já mencionadas nos capítulos anteriores.

Para a realização das entrevistas, contamos com a participação de duas intérpretes que faziam parte da equipe que atuava semanalmente no curso das PLPs, como citado. Gostaríamos que todas as intérpretes pudessem ter participado da pesquisa, porém, por razões pessoais das demais participantes, isso não foi possível.

Para nossas análises, destacamos fragmentos das falas de cada uma das participantes constituindo algumas categorias de análise definidos por Vianna (2010) como “discursos desencadeados nos encontros, ou seja, as falas, os enunciados, as reflexões dos sujeitos que indicaram pistas a respeito da questão investigada” (p. 167).

As categorias de análise foram realizadas a partir da aglutinação de aspectos das falas das participantes que se assemelham, ou seja, “por falas que aparecem em momentos diversos durante as entrevistas coletivas, representando as mesmas idéias apesar de serem expressadas por palavras diferentes” (VIANNA, 2010, p 167).

Desse modo, as categorias de análise estipuladas, a partir da leitura das entrevistas, foram: 1) *aspectos positivos do trabalho em equipe*; 2) *dificuldades do trabalho em equipe*; 3) *limites para o trabalho em equipe*.

Abaixo, apresentaremos os excertos das entrevistas agrupados em cada uma das categorias de análise e, em seguida, algumas análises e discussões possíveis.

4.1 – Categoria de análise 1: Aspectos Positivos do Trabalho em Equipe

Relatos de Bianca

[...] “Nós fazíamos encontros quinzenais com a coordenadora para discutir os temas da próxima aula e também relatar dificuldades e dúvidas que tivemos durante a prática anterior”. [...]

[...] “basicamente a reunião servia para o desabafo de aflições, limitações, dificuldades etc”.

Figura 1: Excertos das entrevistas. Quadro produzido pela autora.

Com base no que diz Bianca relata e apresentamos acima, conseguimos ter uma idéia do quão importante é a existência dessas reuniões em grupo, pois é nesse momento em que cada um consegue se abrir e relatar possíveis aflições, bloqueios, que sentiu durante algum momento da atuação. Além disso, nessas reuniões o grupo também pode estabelecer um momento prévio de estudos sobre a próxima atuação, fazendo com que criem conhecimento sobre o que será discutido e, conseqüentemente, a atuação do intérprete de Libras seja favorecida.

Uma das funções mais importantes do intérprete é esse momento prévio de estudos, pois, se o mesmo não tem/teve contato com o tema da atuação em destaque, essa é sua grande oportunidade de tentar se aprofundar no contexto e adquirir um pouco de conhecimento, para que no momento da atuação, o mesmo esteja um pouco preparado para o que poderá vir a encontrar. Segundo Marcon (2012)

O planejamento prévio é imprescindível para que ocorra a produção de uma interpretação sem ruídos, lacunas ou interrupções, fenômenos que podem acontecer durante a atuação do intérprete, diante de conteúdos específicos das diferentes áreas do conhecimento. Salienta-se que, por meio da Língua Brasileira de Sinais (Libras), o intérprete intermedeia uma ação que corresponde à aquisição do conhecimento pelo surdo. (MARCON, 2012, p. 2).

Relatos de Joana

1 - [...] “sempre penso que quem está no apoio acaba ajudando quem está no turno principalmente porque está atento ao slide, e tem o recurso do celular que também ajudava nesse momento” [...]

2- [...] “Gostei muito de trabalhar em equipe acho essencial, pois no meu caso me sentia mais segura sabendo que tem outra pessoa para me dar um apoio quando necessário” [...]

Figura 2: Excertos das entrevistas. Quadro produzido pela autora.

Conforme relatado por Joana (excerto 1 acima), conseguimos notar a importância do intérprete de apoio no momento da interpretação, o que evidencia aspectos positivos da atuação profissional em equipe. Por mais que o mesmo esteja em seu momento de descanso, aquele momento também é reservado para que ele esteja atento à interpretação e que possa realizar o que for necessário para auxiliar seu colega que está no turno. Para isso, Nogueira (2016) afirma

[...] O intérprete que teoricamente não está na função “ativa” continua como responsável em apoiar o trabalho do parceiro, em vez de se “desligar” do processo de interpretação. Com isso, o intérprete de apoio necessita estar alerta para que possa contribuir com o colega, caso perca alguma informação essencial ou que perceba que a informação não está de forma clara. Todavia, para que uma equipe possa funcionar de forma efetiva, alguns procedimentos e estratégias devem ser observados e adotados por seus membros. (p. 6)

Por mais que o apoio esteja em seu momento de descanso, é importante lembrar que ao mesmo tempo existe outra pessoa que está no turno e necessita desse recurso se preciso, por isso, é essencial que o apoio esteja sempre atento a tudo durante o momento de interpretação: ao discurso que estiver sendo emitido pelo palestrante, aos *slides* que estiverem sendo expostos ao público e à própria sinalização do colega que está no turno, pois essas são estratégias importantes que o mesmo pode precisar quando estiver, por sua vez, também no turno de atuação⁸.

Sobre o trabalho com uma equipe de intérpretes de apoio, Hoza (2010, *apud* NOGUEIRA, 2018), acentua que foi na década de 1980, nos Estados Unidos, que a “consciência da perda de qualidade na interpretação após 30 minutos de trabalho, devido à fadiga e o risco de consequências físicas, por conta do uso excessivo dos membros superiores, contribuíram para se iniciar um processo de criação de equipes em eventos” (p. 130). É importante ressaltar nesse ponto que o revezamento no trabalho em equipe é fundamental, mas não se justifica apenas pelo cansaço ou fadiga, já que

ambos os intérpretes estão atuando. O intérprete que teoricamente não está na função “ativa” (primeiro modelo de Hoza, op. cit.) continua como responsável em apoiar o trabalho do parceiro, em vez de se “desligar” do processo de interpretação. Com isso, o intérprete de apoio necessita estar alerta para que possa contribuir com o colega, caso perca alguma informação essencial ou que perceba que a informação não está de forma clara (NOGUEIRA, 2018, p. 133).

Na segunda fala de Joana (excerto 2), destacamos outro ponto importante na relação entre os intérpretes que atuam em equipe, que são os vínculos estabelecidos pela e na equipe. Após trabalhar por um determinado tempo juntos, os mesmos criam vínculos e isso se torna um ponto positivo para a atuação, porque os intérpretes passam a se sentir mais confiantes no momento da atuação, por saber que existem pessoas ao

⁸ Nogueira (2018) apresenta a terminologia adotada por Hoza (2010) no que diz respeito ao revezamento dos intérpretes: aquele que está atuante no turno é chamado de “on” (ativo, em tradução de Nogueira) e de “off” (traduzido como inativo).

seu redor que transmitem esse sentimento e que estão ali para dar suporte caso algum imprevisto venha a acontecer.

4.2 - Categoria de análise 2: Dificuldades do Trabalho em Equipe

Relatos de Bianca

1 - [...] “muitas vezes recebemos vídeos que seriam exibidos e também fizemos as legendas destes vídeos para a professora exibi-lo. Essa era uma prática muito desgastante que consumia o tempo de estudo dos slides”. [...]

2- [...] “O trabalho em equipe é muito difícil por causa da heterogeneidade do grupo, tanto em nível lingüístico, como em metodologia de trabalho, mas essa dificuldade é intrínseca do ser humano e insolúvel, o que a gente tenta é buscar o equilíbrio”.

Figura 3: Excertos das entrevistas. Quadro produzido pela autora.

Na primeira fala de Bianca (excerto 1, acima), a mesma diz que por diversas vezes os palestrantes que iriam ministrar a aula levavam vídeos sem legenda para apresentar às alunas e se recebíamos esses vídeos com antecedência, procurávamos legendá-lo para que na hora de apresentar fosse mais confortável tanto para a equipe de intérpretes, quanto para a pessoa surda que estava assistindo aquela aula. Porém, não era sempre que isso acontecia e que recebíamos esse material com antecedência, na maioria das vezes não sabíamos se seria exibido algum vídeo na aula.

Por mais que consigamos receber o material preparado pelo palestrante, não era possível garantir que iria manter-se daquela forma até a aula, sabemos que a qualquer momento poderia ser alterado, estamos sujeitos a isso. Mas, se acontecesse, além do conteúdo já ser denso, talvez uma situação inesperada como essa tornaria a atuação da intérprete mais desgastante.

Por vezes alertamos o coletivo do quão importante é alertar os palestrantes da presença de mulheres surdas nas aulas, pois, eles precisam estar preparados para aquela situação, para que possam se planejar e criar um conteúdo que seja acessível a todas e não apenas a maioria, que são as mulheres ouvintes. Recordamos-nos de algumas situações onde os palestrantes não estavam preparados para tal, fazendo determinadas ações que não teriam o mesmo sucesso se tivesse uma mulher surda no local. Por esse

motivo que nunca deixamos de lembrá-las dessa ação, por mais que naquele momento não tivesse uma mulher surda. Ter essa sensibilidade também faz parte do papel do intérprete.

A respeito da segunda fala da intérprete (excerto 2), é apenas um exemplo do que é a realidade. Somos pessoas diferentes, de culturas diferentes, trajetórias diferentes, dentre outras características que cada ser humano carrega e isso, sem dúvida alguma, influencia de alguma forma nas relações que as pessoas estabelecem umas com as outras. A respeito dessa colocação, encontramos divergências entre as culturas e percebemos que há uma determinada parte da sociedade, que não tem interesse em se informar e conhecer outras comunidades e isso é o que acontece com a comunidade surda onde,

Grande parte da sociedade desconhece o que é a cultura surda, apenas sabem que os surdos existem e se comunicam por meio de sinais, desse modo é possível afirmar que a sociedade não se interessa por essa cultura. É sabido que a comunidade surda vem lutando cada vez mais para conquistar seu espaço na sociedade. É um trabalho árduo que requer muito esforço e perseverança e que também conta com ajuda de ouvintes e tradutores intérpretes de Língua de Sinais. (SILVA; FAGUNDES; 2015, p. 3)

Trabalhar em equipe não é fácil em nenhum lugar, lidar com as diferenças não é algo simples de se fazer. É essencial que cada um saiba respeitar as características do outro para que assim o grupo consiga encontrar seu ponto de equilíbrio que faz com o que o trabalho aconteça. No contexto da interpretação, com a equipe de intérpretes, não seria diferente, pois, também é um desafio trabalhar com pessoas que tem um nível lingüístico diferente do seu ou que tem um jeito de trabalhar diferente também, são aspectos negativos que só serão dissolvidos se todos estiverem na mesma sintonia e compartilharem do mesmo sentimento e vontade de evoluir e seguir em diante.

Qualquer ato interpretativo envolve um enorme empenho lingüístico-comunicativo por parte do intérprete. Isso porque ele tem que processar a informação que é expressa em uma determinada língua (no caso língua fonte), fazendo adequações e escolhas lingüísticas que façam sentido na língua alvo. Além do domínio lingüístico e técnico, o ato interpretativo também requer do profissional conhecimento histórico, cultural e social. Afinal ele não funciona (como muitos gostariam de pensar!) como um “decodificador” de palavras em sinais e vice-versa.[...] (GESSER, 2011, p. 26)

Relatos de Bianca

[...] “No início também fazíamos gravações da prática de cada uma para estudarmos nos encontros quinzenais. Essa metodologia não se manteve por muito tempo”.

Figura 3: Excertos das entrevistas. Quadro produzido pela autora.

Com o passar do tempo em que atuávamos naquele ambiente, tentávamos entender quais as melhores estratégias deveríamos adotar para que o trabalho melhorasse e que fosse o mais confortável possível para nós e conseqüentemente para as mulheres surdas também. Por vezes, mudamos a forma com que nos organizávamos na atuação, para assim entender qual seria o jeito mais adequado e que fizesse a equipe funcionar e nessas alterações, tentamos inserir no nosso planejamento esse momento de gravações que a intérprete Bianca traz nesse relato, pois, após as aulas ao nos reunirmos, tentávamos refletir sobre as atuações tendo como base os registros que tinham sido feitos durante a atuação, e essa idéia, no começo, foi muito importante para o nosso crescimento como intérpretes, pois é essencial enxergar os erros e a partir deles, encontrar maneiras de tentar evoluir e melhorar.

4.3 - Categoria de análise 3: Limites para o Trabalho em Equipe

Relatos de Bianca

[...] Nesse encontro fazíamos basicamente queixas das condições do local, das alunas das PLPs que não colaboravam impostando a voz, entre outras dificuldades. [...]

Relatos de Joana

[...] O ruim é que o local era bastante movimentado, passava carros e motos o tempo todo, me lembro de um dia que soltaram uma bomba em frente o lugar, era complicado interpretar e conseguir ouvir tudo [...]

[...] Já aconteceu de o tema da palestra não se parecer nada com o conteúdo, por exemplo, um tema era “Saúde da mulher” e no momento da atuação a palestrante falou sobre “Yin Yang” e outras coisas que de fato não estavam ligadas a saúde da mulher levando em conta as coisas que pesquisamos anteriormente. [...]

[...] acredito que sempre trocamos as experiências principalmente porque os temas eram muito chocantes em alguns casos, e ficar ali e ser “imparcial” era impossível e então nos lembrávamos até de disciplinas anteriores que falava sobre o intérprete e essas dificuldades/desafios. [...]

Com os excertos 1 de Bianca e Joana, é possível encontrar uma semelhança nos dois relatos, onde as duas participantes relatam dificuldades a respeito da prática da interpretação. No primeiro relato de Joana percebemos o quanto que implicações externas afetam na interpretação, pois, se existem fatos que dificultam o entendimento da intérprete devido a barulhos, isso é muito ruim para o resultado da interpretação, prejudicando a compreensão da surda que necessita da atuação e também na qualidade da interpretação e no primeiro relato de Bianca também encontramos uma dificuldade na interpretação, pois, ao ter problemas em captar o que está sendo dito pela palestrante ou por algum outro membro que esteja no local, implica na atuação da intérprete que, conseqüentemente, não conseguirá interpretar pelo mesmo motivo.

São situações que não interferem apenas no trabalho que a intérprete está realizando e sim na recepção que a surda terá do discurso que está sendo proferido às alunas, pois, a mesma ficará sem interpretação já que sua intérprete não conseguirá atuar por conta de problemas externos e que não têm como serem previstos anteriormente.

Por mais que tentamos informar, transmitir um pouco de conhecimento a sociedade, não é possível que fiquemos fiscalizando tudo o tempo inteiro, já que o foco daquele momento é a interpretação. Quando possível, pedimos a compreensão do coletivo para que as mulheres se esforcem e falem um pouco mais alto para facilitar a atuação das intérpretes, mas nem sempre isso acontece e acabamos sofrendo as conseqüências, tanto a equipe quanto pessoa surda.

No segundo relato de Joana nos deparamos com um problema que é facilmente encontrado pelos intérpretes, pois, já foi falado anteriormente sobre quais são os passos que devem ser tomados pelos intérpretes a respeito de solicitar com antecedência os materiais que serão utilizados nas palestras, aulas, etc. E é possível obter um retorno positivo referente a essa solicitação, onde o palestrante envia o material e proporciona ao intérprete um momento prévio de estudos referente ao tema que será abordado.

Porém, é possível também que chegue na hora e o palestrante entre em uma linha de raciocínio que foge totalmente do que foi estudado anteriormente e, por isso, é necessário que o intérprete encontre uma forma de lidar com essa situação inesperada e use de suas experiências anteriores para conseguir se sair bem dessa situação que exigirá uma atuação “improvisada”. Nesse sentido, reafirmamos a importância da parceria do trabalho em equipe, reconhecendo que “os intérpretes têm obrigações um para com o outro em todos os aspectos do processo de interpretação e gestão da interação” (NOGUEIRA, 2018, p.136), o que se não acontece, pode se tornar um limite para uma boa atuação.

Em seu terceiro relato a participante menciona a imparcialidade do intérprete, pois, por se tratar de temas que envolvem o cotidiano feminino, acaba sendo impossível não ser afetado com o que está sendo discutido. Porém, no decorrer da nossa formação para TILS, sabemos que naquele momento em que o intérprete está atuando é necessário que assuma sua responsabilidade como profissional e exerça sua função da melhor forma possível, evitando ao máximo deixar que suas emoções afetem a interpretação. Porém, concordamos com Marques (2012) quando afirma que

Uma neutralidade plena é algo inviável, pois [...] o intérprete é um ser humano e como tal é impossível que não faça inferências a informação em questão e escolhas linguísticas relacionadas aos seus próprios conhecimentos prévios. O intérprete não é uma máquina! Essa concepção torna-se um martírio para o profissional intérprete que, apesar de saber da impossibilidade de tal neutralidade, tanto do ponto de vista social como do biológico (cognitivo), se vê em conflito com o que lhe é exigido e com o que ele mesmo conceitua como ética e fidelidade. Visto que essa discussão é de interesse primário dos ILSs espera-se que ocorram iniciativas de discussões mais abertas e frequentes entre os profissionais da classe sobre essa temática. (MARQUES, 2012, p. 72)

Desse modo, consideramos que muitos fatores (internos ao profissional intérprete, seus sentimentos e emoções, por exemplo, e também externos, como estudos prévios e condições do ambiente) afetam a atuação do profissional intérprete de Libras em contextos de atuação comunitária, o que reafirma a importância de trabalhar em equipes para que, em parceria, esses fatores que podem se tornar limitantes à atuação sejam minimamente contornados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o foco de nossa pesquisa – o trabalho em equipe realizado em contexto comunitário por intérpretes de Libras - de acordo com as entrevistas concedidas, as intérpretes em questão não tiveram nenhum contato com trabalho em equipe além das atividades disciplinares que o curso de graduação proporcionava.

A partir das experiências trazidas nas entrevistas com as intérpretes de Libras participantes, foi possível perceber a grande importância do trabalho em equipe durante as interpretações e que esse trabalho não envolve apenas o momento da atuação e sim também o momento que antecede a atuação, pois, prepara cada um dos profissionais para o que pode ser encontrado depois. Para se tornar um bom profissional, demanda do indivíduo um certo período de estudos, que não existe apenas para aprender sobre como lidar com o poder ser enfrentado, é algo que permanece acompanhando o profissional durante toda sua carreira.

Com as entrevistas, pudemos perceber que os feedbacks realizados pela equipe também é importante para que esse trabalho continue acontecendo e, além disso, é essencial que o grupo de intérpretes procure se reunir com frequência, pois, também notamos que esse é um momento importante de trocas entre as intérpretes, mas também acabava sendo um momento de refúgio, onde as mesmas podiam se abrir e solicitar conselhos de suas colegas para que fosse possível colocar em prática nas suas interpretações.

Com o decorrer da formação para profissionais intérpretes, aprendemos que não é possível que um intérprete trabalhe sozinho e com a prática tivemos certeza da importância desse apoio e trabalho compartilhado. Que consigamos levar essas experiências a outros ambientes de atuação comunitária e também mostrar como faz diferença existir o trabalho em equipe durante a interpretação entre Libras e Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS:

- AGILS. Associação Gaúcha de Intérpretes de Línguas de Sinais. 2017. Disponível em www.agils.org.br. Acesso em 22.11.2019.
- AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Estudos RBEP**. V. 94, n. 236, p. 299-322, 2013.
- ASSIS SILVA, C.A de. **Cultura Surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade**. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BRASIL. Constituição (2002). Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Presidência da República Casa Civil Subchefia Para Assuntos Jurídicos**. 2002.
- BRASIL. Constituição (2010). Lei nº 12.319, de 01 de setembro de 2010. **Presidência da República Casa Civil Subchefia Para Assuntos Jurídicos**. 2010.
- BRASIL. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos - Brasília : MEC ; SEESP, 2004.
- HOZA, J. **Team Interpreting**. Alexandria: Rid Press, 214 p. 2010.
- LACERDA, C. B. F. O intérprete de língua brasileira de sinais (ILS). In: LODI, A. C. B.; MÉLO, A. D. B.; FERNANDES, E. **Letramento, bilinguismo e educação de surdos**. Porto Alegre: Mediação, 2012.
- MACHADO, F. M. A. **Conceitos abstratos: escolhas interpretativas de português para Libras**. Curitiba: Appris, 2012.
- MARCON, A. M. O papel do tradutor/intérprete de Libras na compreensão de conceitos pelo surdo. **ReVEL**, v. 10, n. 19, 2012.
- MARQUES; N. V. O Mito da Neutralidade e o Intérprete de Língua de Sinais. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, v.7, p. 63 - 74, jan. - jul. 2012.
- NASCIMENTO, V. **Contribuições bakhtinianas para o estudo da interpretação da língua de sinais**. Tradterm, São Paulo, v. 21, p. 213-236, julh. 2013.
- NASCIMENTO, V. Interpretação da Libras para o Português na modalidade oral: considerações dialógicas. **Tradução & Comunicação Revista Brasileira de Tradutores**, n. 24, 2012.

NOGUEIRA, T. C. **A mobilização da competência interpretativa na atuação de conferências: uma reflexão a partir do modelo do PACTE**. Revista Belas Infiéis, v. 8, p. 189-208, 2019.

NOGUEIRA, T., C. Intérpretes de libras-português no contexto de conferência: Trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine. **In: V Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira**, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p.1-17, 2016.

NOGUEIRA, T. C.; GESSER, A. “As pessoas não sabem o significado de apoio”: percepções e competências no trabalho em equipe na cabine de interpretação libras-português em contexto de conferência. **Translatio: revista do Núcleo de Estudos de Tradução** Olga Fedossejeva. Porto Alegre, RS. N. 15, p. 122-158, 2018.

POCHHACKER, F. **Introducing Interpreting Studies, London and New York**: Routledge, 2004.

PROMOTORAS LEGAIS POPULARES DE SÃO CARLOS. Quem somos. 2019. (6m48s). Disponível em: <https://www.plpssaocarlos.org/quem-somos/>. Acesso em 04 de Novembro de 2019.

QUEIROZ, L. S. **A Aquisição da Linguagem e a Integração Social**: A LIBRAS como formadora da identidade do surdo. Revista Eletrônica Saberes da Educação. Volume 5, nº 1, 2014.

RIGO, N. S. Tradução de Libras para Português de textos acadêmicos: considerações sobre a prática. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n. especial 2, p. 428-478, 2015.

RODRIGUES, C. H. Da interpretação comunitária à interpretação de conferência: Desafios para formação de intérpretes de língua de sinais. **In: Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira**, II, 2010, Florianópolis. Anais. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. Disponível em: <http://www.congressotils.com.br/anais/anais2010/Carlos%20Henrique%20Rodrigues.pdf>. Acesso em 04.11.2018.

RODRIGUES, C. H.; SANTOS, S. A. A interpretação e a tradução de/para línguas de sinais: contextos de serviços públicos e suas demandas. **Tradução em Revista**, n. 24, v. 12, 2017.

ROSA, A. S. A presença do intérprete de língua de sinais na mediação social entre surdos e ouvintes. In: SILVA, I.R.; KAUCHAKJE, S.; GESUELI, Z. M. **Cidadania, surdez e linguagem**. São Paulo: Editora Plexus, 2003.

SILVA, A. M.; NOGUEIRA, T. C. **Um estudo sobre o processo de tradução de um texto em língua de sinais escrita para a língua portuguesa: desafios e estratégias**. In: Congresso da UFSC, 2014.

SILVA, M. P.; TIRADENTES, L. B. S.; NASCIMENTO, L. K. Grupo de mulheres como proposta de produção de saúde. In: **Anais do XV ENABRAPSO**, Associação Brasileira de Psicologia Social, 2009. Disponível em: http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/313.%20grupo%20de%20mulheres%20como%20proposta%20de%20produ%C7%C3o%20de%20sa%DAdAde.pdf. Acesso em 22.11.2019.

SOBRAL, A. U. As relações entre texto, discurso e gênero: uma análise ilustrativa. **Revista Intercâmbio**. São Paulo, v. XVII. p. 1-14, 2008.

SILVA, V. J. S.; FAGUNDES, E. A.; Cultura Surda e seu Embate com a Cultura Ouvinte. In: XII Congresso Nacional de Educação, 2015. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16897_7555.pdf. Acesso em: 25.11.2019.

Anexo 1 – Resumo do trabalho em Libras

Anexo 2 – Carta de apresentação da pesquisa para consentimento da entidade



São Carlos, 15 de Maio de 2018.

Aos cuidados da coordenação das Promotoras Legais Populares (PLPs),
Município de São Carlos.

Venho, por meio desta carta, apresentar a proposta de pesquisa do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Sou aluna do Curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa (TILSP), da UFSCar, atualmente cursando o 3º ano do curso.

A proposta do trabalho é analisar a atuação em equipe dos intérpretes de Libras, em um contexto no qual a atuação do intérprete de apoio é fundamental para que a interpretação seja a mais fidedigna possível ao discurso em português. O intérprete de apoio é aquele que atua no auxílio do intérprete que está no turno (ou seja, sinalizando para o surdo), na construção coletiva do discurso no momento da interpretação da Língua Portuguesa para a Libras e vice versa. Naquele âmbito, mais especificamente a atuação do intérprete de apoio.

Assim, o trabalho pretende apenas observar a atuação dos intérpretes nesse contexto, sem entrar em pauta as situações e discussões acontecidas nas aulas do curso.

Todo assunto trabalhado em sala será sigiloso e não entrará como tema de análise no trabalho. Ao decorrer da escrita, estarei disponível para deixá-las a par de tudo que

estará sendo desenvolvido no trabalho, assim como ao finalizar, o grupo receberá uma cópia da versão final para assim ser arquivado da maneira que acharem necessário.

O trabalho será acompanhado pela orientadora do TCC, professora Ma. Janaina Cabello, do Departamento de Psicologia da UFSCar, que está à disposição para quaisquer outros esclarecimentos (contato cabello.jana@gmail.com).

Atenciosamente, agradeço antecipadamente.

Luiza Pedrosa – graduanda TILSP

Profa. Ma. Janaina Cabello

Anexo 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (entrevistas)

Modelo do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE)

Eu, _____ portador(a) do RG: _____, CPF _____ concordo em participar da pesquisa intitulada até o momento como “O Trabalho em Equipe no Contexto da Interpretação entre Língua Portuguesa e Libras: uma experiência na esfera comunitária”, compartilhando minhas impressões e experiências através de entrevista concedida via questionário, que serão entregues à pesquisadora da UFSCar. Estou ciente de que a pesquisa tem como objetivo analisar um momento de atuação do grupo de intérpretes de Libras que está participando do Curso de Formação das Promotoras Legais Populares do Município de São Carlos, que realiza encontros semanais e aborda diversos assuntos relacionados à Luta das Mulheres. Através dessas atuações será possível observar qual é o preparo que esse grupo estabelece anteriormente à prática, durante o momento de interpretação e posteriormente à atuação, procurando acompanhar os encaminhamentos e as práticas desenvolvidas/estabelecidas para que a interpretação seja a mais exitosa possível. O trabalho pretende, assim, problematizar e ressaltar a importância do trabalho em equipe, principalmente em contextos como os observados, em que a temática abordada muitas vezes é bastante delicada.

Declaro estar ciente de que se trata de uma pesquisa, para fins de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Luiza Pedrosa, portadora do CPF: 469.627.768-29, RG: 50.619.498-x, residente a Rua Rubens do Amaral, 166 - Jd. São Carlos V. São Carlos – São Paulo, junto ao departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), contato pelo telefone fixo (16) 3416-2904 e celular (16) 99152-2718.

Declaro também estar ciente e de acordo com as devidas explicações aqui pontuadas sobre a pesquisa, que a mesma apresenta riscos e desconfortos mínimos, oferecendo benefícios quanto ao repensar a atuação de tradução e, se caso acontecer desconforto, a entrevista será encerrada imediatamente. As informações que circulam nos encontros promovidos pelas Promotoras Legais Populares é garantido já pelas mediadoras do grupo e serão redobrados no momento da pesquisa, sendo que o foco do

trabalho não é nos relatos em si, mas nas estratégias adotadas pelo grupo de intérpretes no momento da interpretação para a Libras e de como esse discurso pode ser construído na língua de sinais de forma a garantir a (in)formação também para as mulheres surdas. O objetivo não é trazer relatos das participantes do encontro porém, caso seja necessário trazer algum recorte para exemplificar o contexto de atuação, nenhum dado de identificação será citado e serão adotados nomes fictícios, se necessário.

Estou ciente de que a minha participação é voluntária, sem qualquer custo financeiro e que posso revogar esse consentimento em qualquer fase da pesquisa, por motivos particulares, sem qualquer penalização ou prejuízo, mas os dados fornecidos até momento da retirada ou afastamento permanecerão à disposição da pesquisadora. Declaro ainda que minha identidade estará sobre garantia de sigilo e minha privacidade, bem como dos dados confidenciais apresentados, serão assegurados nessa pesquisa, sendo que os participantes serão identificados através de nomes fictícios caso seja necessário.

Em casos de denúncias e reclamações posso entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar /Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.

São Carlos, _____ de _____ de _____.

(Assinatura participante)

Anexo 4 – Transcrição da Entrevista com a Participante A

Proposta de Entrevista

A presente pesquisa pretende observar como se dá o trabalho em equipe no contexto de interpretação entre Língua Portuguesa e Libras na esfera comunitária. Para isso, é necessário que responda as seguintes perguntas:

- 1) Conte um pouco sobre como era a sua prática de atuação durante os encontros das PLPs. Como o grupo se prepara nesse sentido?

Quase sempre recebíamos os slides da aula da semana com antecedência para fazermos o estudo prévio, muitas vezes recebemos vídeos que seriam exibidos e também fizemos as legendas destes vídeos para a professora exibi-lo. Essa era uma prática muito desgastante que consumia o tempo de estudo dos slides. Nós fazíamos encontros quinzenais com a coordenadora para discutir os temas da próxima aula e também relatar dificuldades e dúvidas que tivemos durante a prática anterior. No dia da aula, nos dividíamos em duplas, a primeira dupla atuava na primeira parte da aula e a segunda dupla depois do intervalo até o fim. A ordem de atuação das duplas era combinado de acordo com a possibilidade de horário das interpretes, algumas precisavam sair mais cedo então atuavam na primeira parte, algumas não conseguiam chegar no início da aula, por isso atuavam depois do intervalo. No início também fazíamos gravações da prática de cada uma para estudarmos nos encontros quinzenais. Essa metodologia não se manteve por muito tempo.

- 2) O que vocês faziam após a interpretação dos encontros? Trocavam experiências? Conselhos?

Como dito anteriormente, havia reuniões quinzenais do grupo de interpretes junto com a coordenadora, mas raramente conseguimos que todas as integrantes estivessem presentes. Nesse encontro fazíamos basicamente queixas das condições do local, das alunas das PLPs que não colaboravam impostando a voz, entre outras dificuldades.

Algumas vezes fizemos atividades práticas de interpretação, outras fizemos a autoconfrontação com as imagens captadas no dia da aula, mas basicamente a reunião servia para o desabafo de aflições, limitações, dificuldades etc.

- 3) Você já teve experiências anteriores a essa nessa esfera comunitária? Se não, conte um pouco sobre as experiências que você já teve e como se sentiu tendo a experiência de trabalho em equipe.

Não tive anteriormente. As experiências que tive foram as atividades curriculares do curso TILSP que são frequentes porém não tem a duração que as PLPs tem. O trabalho em equipe é muito difícil por causa da heterogeneidade do grupo, tanto em nível linguístico, como em metodologia de trabalho, mas essa dificuldade é intrínseca do ser humano e insolúvel, o que a gente tenta é buscar o equilíbrio.

- 4) Qual a sua opinião quanto a importância do trabalho em equipe na esfera comunitária? Quais aspectos contribuem para o momento da interpretação?

Creio ser importante apesar de pouco utilizado, o trabalho no mínimo em dupla já contribui mentalmente para quem está no turno, pois este se sente mais seguro em ter uma figura próxima pronta para o auxílio. Outro aspecto que contribui é o estudo prévio, é imprescindível que a dupla ou o grupo estude para irem afinados sobre o conteúdo que abordarão na interpretação.

- 5) O que você sugere que poderia ser feito para práticas de formação para o trabalho de intérprete em equipe?

Eu não gosto de passar pela autoconfrontação, na minha opinião ela expõem as pessoas principalmente nas falhas. As falhas são mais destacadas do que os acertos. Eu acho que precisa haver mais oportunidades de práticas de interpretação em equipe nas diversas esferas de atuação do intérprete. Outra sugestão é a de prática de interpretação de texto, de memorização e refacção do texto do outro com suas próprias palavras. São práticas que podem iniciar antes da aquisição da Libras. Na minha opinião, a fluência na L2 é

um dos aspectos que os intérpretes devem buscar, mas a compreensão de texto na L1 também é importante. A prática de interpretação de texto deve ser um exercício comum para o intérprete e não deve depender a pessoa alcançar a fluência para começar, seria o mesmo que dizer que os bilíngues são naturalmente intérpretes, o que não é verdade

Texto 5 - Transcrição da Entrevista com a Participante B

Proposta de Entrevista

A presente pesquisa pretende observar como se dá o trabalho em equipe no contexto de interpretação entre Língua Portuguesa e Libras na esfera comunitária. Para isso, é necessário que responda as seguintes perguntas:

- 1) Conte um pouco sobre como era a sua prática de atuação durante os encontros das PLPs. Como o grupo se prepara nesse sentido?

Antes de cada encontro pedíamos o material para pesquisar sinais que não conhecíamos, também tínhamos uma reunião junto com a interprete responsável pelo curso. Muitas vezes acontecia de a professora que daria a aula não enviar o material, isso era ruim, pois então só tínhamos o tema da palestra e para não ficar tão despreparada pesquisávamos apenas sobre o assunto e tentávamos ao máximo ver as palavras/termos que seriam usados, para conseguir no momento da atuação interpretar corretamente o conteúdo. Já aconteceu de o tema da palestra não se parecer nada com o conteúdo, por exemplo, um tema era “Saúde da mulher” e no momento da atuação a palestrante falou sobre “Yin Yang” e outras coisas que de fato não estavam ligadas a saúde da mulher levando em conta as coisas que pesquisamos anteriormente. Por fim foi uma confusão eu estava no turno e pedi para o apoio que me ajudasse, pois fiquei perdida e sem saber como fazer isso em libras, me lembro de que o apoio ainda usou classificadores para montar a imagem que é preta e branca e me ajudou um pouco, sempre penso que quem está no apoio acaba ajudando quem está no turno principalmente porque está atento ao slide, e tem o recurso do celular que também ajudava nesse momento. (No caso alguém que usava o celular era um “apoio do apoio” a gente brincava)

- 2) O que vocês faziam após a interpretação dos encontros? Trocavam experiências? Conselhos?

Após os encontros sempre perguntávamos como foi a nossa atuação uma para a outra, as vezes elogiávamos também quando alguém usava algum sinal ou algo que ninguém tinha pensado, também ocorria as inquietações a gente conversava sobre o apoio, só dar apoio quando necessário pois as vezes durante a palestra o apoio ficava sinalizando junto e isso era ruim para quem estava no turno, acredito que sempre trocamos as experiências principalmente porque os temas eram muito chocantes em alguns casos, e ficar ali e ser “imparcial” era impossível e então nos lembrávamos até de disciplinas anteriores que falava sobre o interprete e essas dificuldades/desafios.

- 3) Você já teve experiências anteriores a essa nessa esfera comunitária? Se não, conte um pouco sobre as experiências que você já teve e como se sentiu tendo a experiência de trabalho em equipe.

Não, essa foi minha primeira experiência. Gostei muito de trabalhar em equipe acho essencial, pois no meu caso me sentia mais segura sabendo que tem outra pessoa para me dar um apoio quando necessário, também a relação com outros interpretes é necessário se for parar para pensar que nunca vamos trabalhar sozinhos (ou assim esperamos), ainda mais porque descobrimos com quem gostávamos mais de trabalhar, quem percebia o momento de dar apoio, criamos afinidades com as alunas no momento de interpretação.

- 4) Qual a sua opinião quanto a importância do trabalho em equipe na esfera comunitária? Quais aspectos contribuem para o momento da interpretação?

É importante ter o trabalho em equipe, acredito que em qualquer área não só na comunitária, mas dentro da comunitária percebemos que precisa desse apoio principalmente porque quando estamos no turno as vezes ocorre de não ouvir o que o palestrante falou, e o apoio ajuda nisso também, acontece de entender a palavra errada e trocar o sentido da frase quando passamos para libras, e quando tem o apoio isso não passa despercebido pois ele está atento e ajuda mostrando se está certo ou errado e também mostra o que entendemos de diferente. O ruim é que o local era bastante

movimentado, passava carros e motos o tempo todo, me lembro de um dia que soltaram uma bomba em frente o lugar, era complicado interpretar e conseguir ouvir tudo, então agradecia pelo apoio pois sempre era necessário ainda mais nesses momentos.

- 5) O que você sugere que poderia ser feito para práticas de formação para o trabalho de intérprete em equipe?

Praticando, precisa pensar antes, pesquisar antes os sinais e todos os conteúdos a serem apresentados, para que no momento o apoio esteja preparado para o que está por vir junto do interprete, e que precisa ir praticar em palestras mesmo, pois somente quando praticamos no campo no momento que estamos ali de verdade que adquirimos conhecimento. Uma das práticas antes da interpretação que fazíamos era pegar vídeos do Youtube de pessoas surdas e tentar dar voz, aquela pratica era importante, também já fizemos ao contrario pegamos vídeos em português e passávamos para libras, isso junto com a interprete profissional que era responsável pelo grupo.